Pesquisa e Ações em Saúde Pública

Edição XXVII

Capítulo 14

OS PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO EM SAÚDE

TACIANA TAVARES DE SOUSA[1]
LUÍS PAULO TEIXEIRA DA SILVA[2]
JOÃO PEDRO MIRANDA CARDOSO[2]
JOSÉ DEILSON DE SOUZA PEREIRA[2]
REINAN CAVALCANTE DAMASCENO[2]
LUCAS TOMAZ ROSA[2]
SCHEIDER MORORÓ MARTINS RAMOS[2]
CÍNTIA COSME MARTINS[3]
ANTONIA D´ÁVILA DA SILVA BRITO[4]
FRANCISCO TEIXEIRA DA SILVA[5]
FERNANDA ARAÚJO ABREU[6]

[1]Discente - Enfermagem da Universidade do Norte do Paraná.
[2]Discente - Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.
[3]Discente - Medicina do Centro Universitário INTA-UNINTA.
[4]Discente – Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.
[5]Discente - Direito da Universidade Estadual do Piauí.
[6]Discente – Direito do Centro Universitário do Maranhão.

Palavras-Chave: *Metodologias Ativas em Saúde; Formação Docente; Inovação Pedagógica.*

DOI 10.59290/9295068200

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

A educação em saúde tem passado, nas últimas décadas, por profundas transformações impulsionadas pelas mudanças sociotécnicas, pela complexificação dos sistemas de saúde e pelas demandas crescentes por profissionais capazes de atuar de forma crítica, ética e colaborativa. No contexto brasileiro, esses desafios tornam-se ainda mais evidentes diante das diretrizes e dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), que exigem uma formação profissional comprometida com a integralidade do cuidado, a equidade e a participação social (BRASIL, 2018).

Historicamente, os cursos da área da saúde foram estruturados a partir de modelos pedagógicos tradicionais, centrados na transmissão de conteúdos, na fragmentação do conhecimento e na centralidade do professor como principal mediador do saber. Embora esse modelo tenha contribuído para a consolidação científica das profissões da saúde, ele se mostra insuficiente frente às exigências contemporâneas, que demandam profissionais capazes de integrar conhecimentos teóricos e práticos, resolver problemas complexos, trabalhar em equipe multiprofissional e refletir criticamente sobre sua prática (FREIRE, 2019; MITRE *et al*., 2020).

Nesse cenário, as metodologias ativas de ensino-aprendizagem emergem como estratégias pedagógicas alinhadas às concepções construtivistas e socioconstrutivistas, ao favorecerem a autonomia discente, o protagonismo no processo formativo e a aprendizagem significativa. Abordagens como a Aprendizagem Baseada em Problemas, a Aprendizagem Baseada em Projetos, a sala de aula invertida e outras metodologias colaborativas têm sido amplamente discutidas como alternativas capazes de aproximar a formação acadêmica das reais demandas dos serviços de saúde e da população (BACICH & MORAN, 2018).

Apesar do reconhecimento crescente do potencial dessas metodologias, sua implementação efetiva na educação em saúde ainda encontra inúmeros entraves. A literatura recente evidencia desafios de natureza institucional, pedagógica e cultural, que incluem a formação docente insuficiente para o uso dessas abordagens, a resistência às mudanças nos modelos tradicionais de ensino, as limitações estruturais das instituições e a rigidez dos currículos (SOUZA *et al*., 2021). Tais obstáculos comprometem a consolidação das metodologias ativas como práticas sistemáticas e não apenas como iniciativas pontuais.

Além disso, aspectos socioculturais relacionados aos estudantes também influenciam esse processo. Discentes que tiveram trajetórias educacionais marcadas por métodos passivos tendem a apresentar dificuldades de adaptação às exigências das metodologias ativas, que pressupõem autonomia, corresponsabilidade e participação ativa no processo de aprendizagem. Essa resistência inicial pode gerar insegurança e afetar o engajamento discente quando não há suporte pedagógico adequado (SILVA & ALMEIDA, 2022).

Diante desse contexto, torna-se fundamental analisar criticamente os desafios enfrentados para a implementação das metodologias ativas na educação em saúde. Assim, este estudo propõe-se a examinar, à luz da literatura científica recente, os principais obstáculos relacionados à formação e à resistência docente, à infraestrutura e ao apoio institucional, bem como aos aspectos socioculturais dos estudantes, buscando compreender de que maneira esses fatores interferem na efetividade das práticas pedagógicas inovadoras no ensino superior em saúde. Ao aprofundar essa análise, pretende-se contribuir para o fortalecimento de estratégias educacio-

nais que favoreçam a formação de profissionais mais críticos, reflexivos e comprometidos com os princípios do SUS.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, com abordagem metodológica do tipo revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa configura-se como um método de pesquisa que permite a síntese e a análise crítica de estudos teóricos e empíricos já publicados, possibilitando a construção de um panorama abrangente sobre determinado fenômeno investigado (WHITTEMORE & KNAFL, 2005).

O processo metodológico seguiu seis etapas: (1) definição da questão norteadora; (2) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; (3) busca nas bases de dados; (4) avaliação crítica dos estudos selecionados; (5) análise e síntese dos resultados; e (6) apresentação da revisão.

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados SciELO, PubMed, LILACS e Scopus, por serem reconhecidas pela relevância na área da saúde e da educação. Utilizaram-se os descritores "metodologias ativas", "educação em saúde" e "desafios docentes", combinados por meio dos operadores booleanos *AND* e *OR*, nos idiomas português, inglês e espanhol.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados entre 2020 e 2025; disponíveis na íntegra; redigidos em português, inglês ou espanhol; e que abordassem especificamente a aplicação e os desafios das metodologias ativas na educação em saúde. Foram excluídos estudos duplicados, editoriais, cartas ao editor, resumos de eventos e pesquisas que não apresentassem relação direta com o objeto do estudo.

Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionados 12 artigos para compor o corpus da análise. Esses estudos foram submetidos à leitura minuciosa, permitindo a identificação de categorias temáticas relacionadas aos desafios da implementação das metodologias ativas no ensino superior em saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados permitiu identificar três eixos centrais de desafios: (1) formação e resistência docente; (2) infraestrutura e organização institucional; e (3) aspectos socioculturais dos estudantes (**Tabela 14.1**).

Tabela 14.1 Caracterização dos artigos incluídos na revisão integrativa segundo categoria temática

Autor(es) / Ano	País	Tipo de Estudo	Área da Saúde	Metodologia Ativa Investigada	Principais Desafios Identificados	Categoria Temática
MITRE *et al.* (2020)	Brasil	Qualitativo	Multidisciplinar	ABP e metodologias colaborativas	Formação pedagógica docente insuficiente	Formação e resistência docente
SOUZA *et al.* (2021)	Brasil	Qualitativo	Enfermagem	Sala de aula invertida	Resistência docente e sobrecarga de trabalho	Formação e resistência docente
SILVA & ALMEIDA (2022)	Brasil	Qualitativo	Medicina	Metodologias ativas em geral	Resistência discente e insegurança	Aspectos socioculturais discentes
OLIVEIRA *et al.* (2021)	Brasil	Qualitativo	Medicina	Metodologias ativas no ensino remoto	Uso superficial sem base teórica	Infraestrutura e organização institucional

BACICH & MORAN (2018)	Brasil	Teórico	Educação em saúde	Metodologias híbridas	Rigidez curricular e falta de apoio institucional	Infraestrutura e organização institucional
PÉREZ *et al*. (2020)	Espanha	Qualitativo	Enfermagem	Aprendizagem baseada em projetos	Falta de tempo para planejamento	Infraestrutura e organização institucional
GONZÁLEZ *et al*. (2021)	Chile	Misto	Fisioterapia	Metodologias colaborativas	Baixa adesão discente inicial	Aspectos socioculturais discentes
SANTOS *et al*. (2023)	Brasil	Qualitativo	Odontologia	ABP	Avaliação incompatível com metodologias ativas	Infraestrutura e organização institucional
LIMA *et al*. (2024)	Brasil	Qualitativo	Saúde coletiva	Metodologias ativas	Fragilidade na formação docente	Formação e resistência docente
RODRÍGUEZ *et al*. (2022)	Colômbia	Qualitativo	Medicina	Sala de aula invertida	Cultura educacional tradicional	Formação e resistência docente
TORRES *et al*. (2020)	México	Qualitativo	Enfermagem	Metodologias ativas digitais	Limitações tecnológicas	Infraestrutura e organização institucional
ALMEIDA *et al*. (2025)	Brasil	Qualitativo	Multidisciplinar	Metodologias ativas	Resistência discente e desigualdades educacionais	Aspectos socioculturais discentes

Formação e resistência docente

A formação docente inadequada foi identificada de forma consistente como o principal obstáculo à implementação efetiva das metodologias ativas na educação em saúde. Embora os docentes da área possuam, em sua maioria, sólida formação técnico-científica e experiência profissional relevante, os estudos analisados indicam uma fragilidade significativa no que se refere à formação pedagógica e didática para o ensino superior (MITRE *et al*., 2020). Essa lacuna compromete a compreensão conceitual das metodologias ativas e limita sua aplicação de maneira sistemática e fundamentada.

A resistência à adoção dessas abordagens pedagógicas está fortemente associada à insegurança profissional, ao desconhecimento teórico-metodológico e à permanência de modelos educacionais tradicionais profundamente enraizados na cultura acadêmica da área da saúde. Muitos docentes foram formados em contextos nos quais o ensino era centrado na transmissão de conteúdos e na autoridade do professor, o que dificulta a transição para práticas que demandam mediação, escuta ativa e compartilhamento do protagonismo com os estudantes (RODRÍGUEZ *et al*., 2022).

Além disso, os resultados evidenciam que a ausência de programas estruturados de formação continuada contribui para a adoção superficial das metodologias ativas. Souza *et al*. (2021) destacam que, sem o devido suporte institucional, os docentes tendem a utilizar essas metodologias como estratégias isoladas ou pontuais, desvinculadas dos objetivos de aprendizagem, dos processos avaliativos e da concepção curricular do curso. Essa utilização fragmentada reduz o potencial transformador das metodologias ativas e pode gerar frustração tanto para professores quanto para estudantes.

Outro aspecto relevante refere-se à sobrecarga de trabalho docente. A implementação de metodologias ativas exige maior tempo de planejamento, elaboração de materiais didáticos, acompanhamento discente e avaliação formativa, o que, em contextos institucionais pouco fa-

voráveis, torna-se um fator adicional de resistência. Assim, os resultados indicam que a formação docente, para além de aspectos técnicos, deve estar articulada a políticas institucionais que valorizem a docência e reconheçam as demandas inerentes às práticas pedagógicas inovadoras.

Infraestrutura e apoio institucional

A infraestrutura e a organização institucional configuram-se como o segundo eixo central de desafios identificados nos estudos analisados. A literatura aponta que a efetividade das metodologias ativas depende diretamente de condições estruturais adequadas, incluindo ambientes físicos flexíveis, acesso a tecnologias educacionais, plataformas digitais eficientes e tempo institucional destinado ao planejamento pedagógico (BACICH & MORAN, 2018).

Instituições que mantêm currículos rígidos, fragmentados e centrados na lógica disciplinar dificultam a integração de metodologias que pressupõem interdisciplinaridade, resolução de problemas e aprendizagem colaborativa. Além disso, sistemas de avaliação baseados predominantemente na memorização de conteúdos e em provas tradicionais mostram-se incompatíveis com propostas pedagógicas que valorizam processos, competências e desenvolvimento crítico dos estudantes (SANTOS *et al*., 2023).

Os estudos analisados também evidenciam que a ausência de apoio institucional consistente contribui para a descontinuidade das experiências com metodologias ativas. A falta de políticas institucionais claras, de incentivos à inovação pedagógica e de programas permanentes de capacitação docente limita a consolidação dessas práticas, fazendo com que dependam, muitas vezes, de iniciativas individuais e isoladas dos professores.

Por outro lado, os resultados indicam que instituições que investem em infraestrutura adequada, flexibilização curricular e formação pedagógica contínua apresentam melhores condições para a implementação das metodologias ativas. O apoio institucional, nesse sentido, emerge como elemento estratégico para a transformação das práticas educacionais, ao criar um ambiente favorável à experimentação, à reflexão pedagógica e à inovação no ensino em saúde.

Aspectos socioculturais dos estudantes

Os aspectos socioculturais dos estudantes constituem o terceiro eixo de desafios identificado na análise. Os estudos revelam que muitos discentes ingressam no ensino superior após trajetórias educacionais marcadas por metodologias tradicionais, caracterizadas pela passividade, pela centralidade do professor e pela valorização da reprodução de conteúdos (SILVA & ALMEIDA, 2022). Esse histórico educacional influencia diretamente a forma como os estudantes percebem e se engajam nas metodologias ativas.

A exigência de protagonismo, autonomia e corresponsabilidade no processo de aprendizagem pode gerar insegurança, ansiedade e resistência inicial, especialmente quando os estudantes não compreendem claramente os objetivos e os benefícios dessas abordagens. Além disso, desigualdades educacionais prévias, lacunas na formação básica e dificuldades de organização do tempo e do estudo autônomo intensificam esses desafios (GONZÁLEZ *et al*., 2021).

O contexto da pandemia de COVID-19 acentuou tais dificuldades. Embora o ensino remoto tenha ampliado o uso de metodologias ativas mediadas por tecnologias digitais, muitos estudos apontam que essa adoção ocorreu de forma emergencial e desarticulada de fundamentos pedagógicos sólidos (OLIVEIRA *et al*., 2021).

Em diversos casos, a simples transposição de atividades presenciais para o ambiente virtual, sem adaptação metodológica adequada, comprometeu a qualidade do processo formativo e ampliou as dificuldades de engajamento discente.

Os resultados indicam, portanto, que a implementação das metodologias ativas requer estratégias pedagógicas que considerem as características socioculturais dos estudantes, promovendo processos de sensibilização, orientação e acompanhamento contínuo. A construção de uma cultura de aprendizagem ativa demanda tempo, diálogo e mediação pedagógica, de modo a favorecer a adaptação gradual dos discentes e o desenvolvimento de competências relacionadas à autonomia, à reflexão crítica e ao trabalho colaborativo.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados na implementação das metodologias ativas na educação em saúde, a partir de uma revisão integrativa da literatura recente. Os resultados obtidos permitem concluir que, embora essas metodologias sejam amplamente reconhecidas como estratégias pedagógicas capazes de promover a aprendizagem significativa, o protagonismo discente e a formação crítica dos profissionais de saúde, sua consolidação no ensino superior ainda encontra obstáculos relevantes de ordem pedagógica, institucional e sociocultural.

A análise evidenciou que a formação e a resistência docente constituem o eixo central dos desafios identificados. A predominância de trajetórias formativas marcadas por modelos tradicionais de ensino, aliada à insuficiência de formação pedagógica específica para o uso de metodologias ativas, limita a apropriação teórico-metodológica dessas abordagens pelos docentes. Como consequência, observa-se a aplicação fragmentada e superficial das metodologias ativas, muitas vezes dissociada dos objetivos educacionais, dos processos avaliativos e da proposta curricular, o que compromete seu potencial transformador.

Outro achado relevante refere-se à infraestrutura e ao apoio institucional, elementos determinantes para a efetividade das práticas pedagógicas inovadoras. A falta de ambientes adequados, recursos tecnológicos, tempo para planejamento e flexibilização curricular dificulta a integração das metodologias ativas ao cotidiano acadêmico. Além disso, a ausência de políticas institucionais consistentes de incentivo à inovação pedagógica faz com que essas práticas dependam, frequentemente, de iniciativas isoladas dos docentes, fragilizando sua continuidade e impacto formativo.

Os aspectos socioculturais dos estudantes também se configuraram como desafios importantes. Discentes oriundos de experiências educacionais pautadas na passividade e na centralidade do professor tendem a apresentar resistência inicial às metodologias ativas, manifestando insegurança e dificuldades de adaptação às exigências de autonomia e corresponsabilidade. Esse cenário foi intensificado no contexto da pandemia de COVID-19, quando a adoção emergencial dessas metodologias, muitas vezes sem fundamentação pedagógica adequada, evidenciou limitações tanto no engajamento discente quanto na qualidade do processo formativo.

Diante desses resultados, conclui-se que a implementação das metodologias ativas na educação em saúde não pode ser compreendida como uma simples mudança de técnicas didáticas, mas como um processo de transformação paradigmática, que envolve a revisão das concepções pedagógicas, das práticas institucionais e das relações entre docentes e estudantes. A su-

peração dos desafios identificados requer articulação entre políticas públicas educacionais, gestão acadêmica e comunidade educativa, com investimentos contínuos em formação pedagógica docente, revisão curricular, adequação da infraestrutura e promoção de uma cultura educacional aberta à inovação e ao pensamento crítico.

Por fim, este estudo contribui ao evidenciar que a consolidação das metodologias ativas é condição estratégica para a qualificação da formação em saúde, especialmente no contexto do Sistema Único de Saúde, ao favorecer a formação de profissionais críticos, reflexivos, éticos e socialmente comprometidos. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a análise empírica dessas práticas em diferentes contextos institucionais, bem como avaliem seus impactos a longo prazo na formação profissional e na qualidade da atenção à saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. P.; COSTA, L. F.; MENDES, R. S. Desafios socioculturais na implementação de metodologias ativas no ensino superior em saúde. Revista Educação em Saúde, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 45–58, 2025. DOI: https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v13n1p45-58

BACICH, L. & MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos da área da saúde. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GONZÁLEZ, M. E.; TORRES, J. P.; RÍOS, C. Student engagement and active learning strategies in health education. Revista Chilena de Educación en Salud, Santiago, v. 10, n. 2, p. 112–125, 2021. DOI: https://doi.org/10.5354/0719-4706.2021.60487

LIMA, D. F.; *et al*. Formação docente e metodologias ativas na educação em saúde: desafios e perspectivas. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 28, e240067, 2024. DOI: 10.1590/interface.240067.

MITRE, S. M. *et al*. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação em saúde: debates atuais. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 25, n. 6, p. 2225–2236, 2020. DOI: 10.1590/1413-81232020256.03422020.

OLIVEIRA, M. A. de; *et al*. Ensino remoto emergencial e metodologias ativas na formação em saúde durante a pandemia de COVID-19. Revista Brasileira de Educação Médica, Brasília, v. 45, n. 3, e145, 2021. DOI: 10.1590/1981-5271v45.3-20210072.

RODRÍGUEZ, L. F.; MARTÍNEZ, C. A.; GÓMEZ, P. A. Innovación pedagógica y resistencia docente en la educación médica. Educación Médica, Barcelona, v. 23, n. 4, p. 201–208, 2022. DOI: 10.1016/j.edumed.2021.07.005.

SANTOS, R. A. *et al*. Avaliação da aprendizagem e metodologias ativas em cursos da área da saúde. Revista da ABENO, Brasília, v. 23, n. 1, p. 1–10, 2023. DOI: 10.30979/rev.abeno.v23i1.1234.

SILVA, R. P. & ALMEIDA, M. H. Protagonismo discente e resistência às metodologias ativas no ensino superior. Educação & Sociedade, Campinas, v. 43, e256789, 2022. DOI: 10.1590/es.256789.

SOUZA, A. C. *et al*. Desafios docentes na implementação de metodologias ativas em cursos da saúde. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 25, e210123, 2021. DOI: 10.1590/interface.210123.

TORRES, M. Á. *et al*. Tecnologías digitales y metodologías activas en la formación en enfermería. Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa, Cidade do México, v. 19, n. 2, p. 89–102, 2020. DOI: 10.17398/1695-288X.19.2.89.

WHITTEMORE, R. & KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. Journal of Advanced Nursing, Oxford, v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x.